

Fernando Molica

O verdadeiro banco imobiliário

As negociatas apuradas pela Polícia Federal indicam que o ex-presidente do BRB Paulo Henrique Bezerra Rodrigues Costa chegou a concretizar a fantasia do Banco Imobiliário, aquele velho jogo de tabuleiro popular há tantas gerações.

A diferença é que os participantes da brincadeira fingem comprar e vender uma série de bens; o ex-executivo tentou rifar o banco que pertence ao Distrito Federal em troca de receber, como pagamento, um imenso patrimônio imobiliário.

Segundo as investigações, o valor total dos imóveis chegou a R\$ 146 milhões. Ele já teria amealhado o equivalente a R\$ 74 milhões em casas e apartamentos luxuosos.

Para merecer essa bolada, Costa, segundo a PF, fazia um jogo bem pesado. Tudo com o objetivo de viabilizar a compra do Master pelo BRB. Fingia que era boa a carteira de títulos apresentada pelo Banco Master na negociação. Só que aqueles papéis entregues pelo então banqueiro Daniel Vorcaro valiam tanto quanto as fichinhas usadas em jogos como o do Banco Imobiliário.

Mensagens apreendidas pela PF apontam que Costa virou uma espécie de viciado no jogo sujo capitaneado por Daniel Vorcaro, ao que tudo indi-

ca, o dono de uma das maiores bancas de corrupção do país.

Comprava autoridades de diferentes poderes com a facilidade de quem tira um jogo da caixa e desdobra o tabuleiro sobre a mesa. Diferentemente dos crupiês de cassinos, o então presidente do BRB sequer precisava gritar algo como “Façam o jogo, senhores”.

Bastava ter conversas de pé de ouvido com os responsáveis pela administração dos recursos do Distrito Federal. Cumpria o combinado com Vorcaro, um sujeito acostumado a jogar com dados viciados, que sempre caíam com as seis bolinhas viradas para cima.

Esquemas de corrupção, infelizmente, não são novidade entre nós. Mas esse caso que envolve o Master e o BRB surpreende pela ousadia de se tentar fingir que era verdadeiro um patrimônio construído no mundo da fantasia.

É como Vorcaro tentasse, com o aval do presidente do BRB, vender o Castelo da Cinderela como se fosse um daqueles espalhados pelo Vale do Loire, na França.

Ao longo de sua carreira, inicialmente chancelada pelo Banco Central, então presidido por Roberto Campos Neto, Vorcaro avançou muitas casas. E é impressionante que ele tenta conseguido progredir tanto

em um universo que, em tese, é muito controlado — a confiabilidade do sistema bancário é essencial para a sociedade como um todo.

Vorcaro continuou fazendo seu jogo e exibindo uma ganância de maneira indecente, um comportamento inusitado para o setor e que, por si só, deveria ter servido de alerta para os responsáveis pela fiscalização.

O ex-banqueiro amealhou tanta fortuna graças a uma sucessão de jogadas irregulares. Com a cumplicidade de corretoras, distorceu a finalidade do Fundo Garantidor de Créditos e graças a parcerias com agentes públicos, fez com que estados e municípios comprassem seus papéis de mentirinha. Investidores privados de peso não caíram no conto do Vorcaro e trataram de manter seus recursos longe do Master.

Vorcaro já estava preso, agora foi a vez de Costa e do advogado Daniel Monteiro, que seria operador do esquema de propinas imobiliárias. Falta prender muita gente, para ficarmos no campo dos jogos, gerar uma espécie de efeito dominó.

Se estivesse diante de um tabuleiro, o ex-presidente do BRB estaria naquela situação em que o jogador é obrigado a voltar muitas casas — foram tantas que ele acabou na cadeia.

Victor Corrêa*

Sobre dizer não

“Obrigado, mas eu não bebo.”

Há algum tempo, essa tem sido a minha resposta. O constrangimento, que sequer deveria existir, é inevitável. Mais ainda quando a pergunta seguinte surge imediatamente: “mas por quê?”.

É curioso como a recusa de um copo ainda causa estranhamento. Como se o “não” precisasse vir acompanhado de uma justificativa, quase uma prestação de contas. Religião, remédio, direção, dieta, doença. Parece que a simples escolha de não beber nunca basta.

Curiosamente, entre os mais jovens, esse cenário começa a mudar.

A geração Z, formada por quem nasceu entre o fim dos anos 1990 e o início da década de 2010, é a que menos consome álcool.

Falta de interesse, busca por qualidade de vida e a tentativa de evitar os efeitos físicos e emocionais da bebida aparecem entre os motivos mais citados.

No meu caso, a percepção veio por outro caminho.

Eu senti culpa. Muita culpa.

Era angustiante não lembrar exatamente como eu havia voltado para casa. A memória que insistia em falhar no dia seguinte, os riscos e a vulnerabilidade.

Demorei um tempo para admitir isso a mim mesmo.

Hoje, aos 38, consigo olhar de forma menos embaçada para o lugar que o álcool ocupou na minha vida.

Mas essa percepção não veio agora. Ela começou a se desenhar ali pelos 30 anos.

Houve momentos em que eu sabia a hora de começar, mas não a de parar. Quase sempre aos finais de semana, naquilo que eu chamava de forma de extravasar.

Vieram daí os lapsos de memória, a angústia do dia seguinte e a sensação persistente de que algo ali já não me fazia bem.

Talvez parte do problema esteja justamente aí: o álcool ocupa, entre nós, um lugar de absoluta normalidade. Está no brinde das comemorações, no chope depois do trabalho, no almoço de família, no encontro entre amigos e, muitas vezes, também nos momentos em que alguém tenta aliviar a tensão, a tristeza ou o cansaço.

Talvez por isso o “não” ainda incomode tanto.

Certa vez, em uma festa, um amigo me empurrou uma dose de cachaça, goela abaixo. “Essa é de Minas, das boas”, disse ele, com o tom de quem oferece afeto. Sei que não foi por mal, mas foi incômodo.

O problema é que essa normalização muitas vezes nos impede de olhar para a dimensão real do tema.

Os efeitos do álcool não se restringem a quem bebe. Levantamento com base em ocorrências da Polícia Civil de São Paulo, divulgado em março deste ano, identificou 50.805 casos de violência doméstica associados ao consumo de álcool entre 2023 e 2024, o equivalente a 70 ocorrências por dia, em média, em apenas um estado.

Um estudo recente da Fiocruz mostrou que o consumo de álcool está associado a uma média de 12 mortes por hora no Brasil e a um custo anual de R\$ 18,8 bilhões, considerando internações, procedimentos no SUS, perdas de produtividade, licenças médicas e aposentadorias precoces.

A Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização Mundial da Saúde estabeleceram como meta global reduzir em pelo menos 20% o uso nocivo do álcool até 2030.

Talvez esteja na hora de tratar o álcool como tema de política pública, como o país fez, no passado, com o cigarro.

Durante anos, a publicidade do álcool ajudou a vender uma ideia de prazer, sucesso e pertencimento que não corresponde à experiência de todos. Basta lembrar das campanhas que, por tanto tempo, associaram a bebida à sensualidade, à performance e à ideia de que beber seria quase um requisito para se integrar.

Para muitas famílias, o álcool não está associado à celebração, mas ao medo, ao risco, ao silêncio e, em casos extremos, à violência.

O álcool não significa a mesma coisa para todo mundo.

***Jornalista, mestre e doutorando em Políticas Públicas pela Fundação Getúlio Vargas**

Tales Faria

Ciro Gomes joga um jogo ensaiado no PSDB com Aécio Neves

“Não posso desertar da luta que venho construindo junto com muita gente no Ceará.” Foi o que declarou o ex-governador Ciro Gomes nesta quarta-feira, 15, durante um evento no Ceará.

Tratava-se da oficialização do ex-deputado federal Capitão Wagner e do ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio, respectivamente, como presidente e vice da Federação União Progressista no Estado.

Os dois políticos estão cotados para integrar a chapa de Ciro a governador do Ceará. Em seu discurso, o tucano lembrou que havia sido convidado no dia anterior pelo presidente nacional do PSDB, Aécio Neves, a disputar a Presidência da República pelo partido.

A plateia de cabos eleitorais delirou com a resposta que ele disse ter dado a Aécio. Seus apoiadores entenderam como uma recusa ao convite nacional e uma confirmação de que se mantém como candidato ao governo do estado.

Como quase tudo que envolva os políticos, pode ser, mas pode não ser.

Sim, o mais provável é que Ciro Gomes concorra mesmo a governador. O esquema no Ceará está propício. Ele desponta como primeiro

colocado nas pesquisas de intenção de voto.

Além disso, a chapa está praticamente completa: Roberto Cláudio, que é da sua confiança, como vice, e capitão Wagner, para o Senado. A outra vaga de candidato a senador ficaria com Alcides Fernandes, pastor e deputado estadual pelo PL.

Seu adversário, o governador Elmano de Freitas (PT), não está tão bem assim nas pesquisas. Mas disputam para compor a chapa de Elmano nomes de peso. Muitos nomes.

O atual senador Cid Gomes (PSB) diz que não será candidato à reeleição, mas que fará campanha pelo deputado federal Junior Mano (PSB) a uma das vagas ao Senado. Mas ainda há quem acredite que ele irá concorrer.

A outra vaga está sendo disputada pelo ex-senador Eunício Oliveira (MDB), pela deputada e ex-prefeita de Fortaleza Luiziane Lins (Rede) e pelo ex-senador Chiquinho Feitosa (Republicanos).

Até o ex-líder do governo na Câmara José Guimarães (PT-CE) esteve na disputa pela segunda vaga ao Senado, mas abriu mão para assumir como ministro-chefe das Relações Institucionais. Elmano agradeceu publicamente.

Ou seja, está mais ou menos arumado para Ciro dar a volta por cima na política do seu estado como um forte candidato a governador. Ele tende, portanto, a não disputar a Presidência da República. Mas o jogo não está jogado ainda. Por enquanto, Ciro e Aécio Neves apenas estão ensaiando os próximos passos.

O que os dois políticos combinaram foi jogar o nome na mídia e esperar pela repercussão. Especialmente, tentar promover que algum instituto de pesquisas de opinião resolva colocar o nome de Ciro Gomes na lista de possíveis candidatos ao Palácio do Planalto.

A expectativa é de que isto ocorra em poucos dias. Se não sair, o próprio PSDB pode encomendar um levantamento. Aí, sim, o partido terá um termômetro para decidir. Mas, a princípio, teria que ser um resultado inicial muito bom para valer o risco.

O ex-governador já disputou quatro eleições presidenciais e até agora não conseguiu se dar bem. E esteve, aparentemente, com chances bem maiores do que atualmente.

Mas ele guarda um rancor tão grande do PT e do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que pode até preferir o risco só para atrapalhar.